

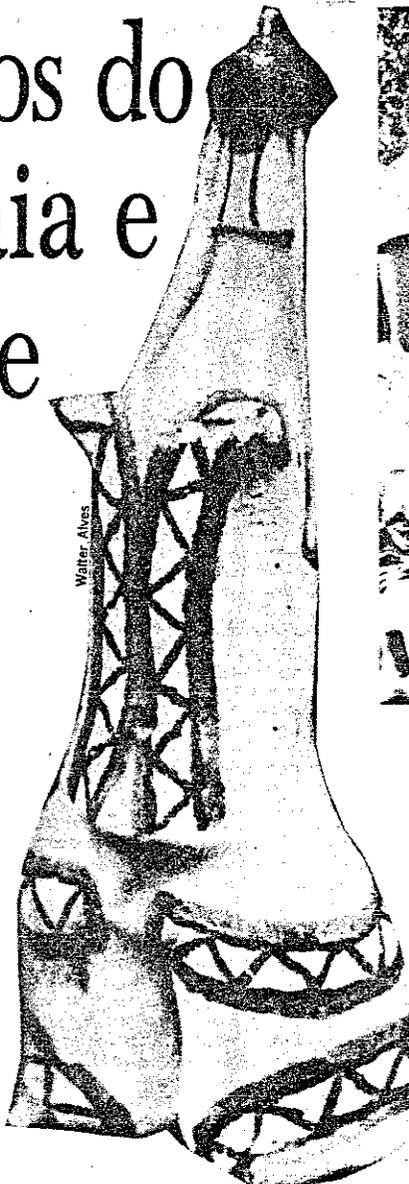
Os filhos do Araguaia e sua arte

Valbene Bezerra

A confecção das bonecas Karajá foi objeto de estudo do antropólogo Mário Simões, que reuniu suas anotações em livro organizado pelo IGPA

Habitantes das margens do Rio Araguaia, os índios Karajá desenvolvem uma atividade peculiar à tribo - a confecção de bonecas. O trabalho exclusivo das mulheres da aldeia mereceu atenção especial do antropólogo e pesquisador Mário Ferreira Simões, que no período de 1954 a 1958, realizou pesquisa a respeito da produção dos objetos denominados ritxoo. Falecido em 1985, o professor deixou anotações importantes e vasto material fotográfico sobre os levantamentos etnográficos, agora organizados no livro *Cerâmica Karajá e Outras Notas Etnográficas* pelos professores Manuel Ferreira Lima Filho e Maria Eugênia Brandão Alvarenga Nunes, do Instituto Coiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás.

Além do livro e dos postais, que se encontram à venda na Editora na UCG, Mário Ferreira Simões também deixou uma coleção, praticamente só de bonecas, encomendadas por ele às duas melhores ceramistas da época - Berixa e Kuanajiki, doada ao IGPA pe-



Walter Alves



IGPA

As índias Karajá têm no artesanato uma fonte de renda para custear sua sobrevivência

Ao longo do tempo, as bonecas de cerâmica passaram por transformações e agora são feitas de barro cozido

la viúva Nair Serpa Simões e o filho do pesquisador carioca, Nairio Serpa Simões. Para fazerem a doação, eles levaram em consideração o fato de a UCG localizar-se em Goiás e o acervo referir-se a um grupo indígena do Centro-Oeste. A coleção, que agrupou-se a outras treze, adquiridas pela Universidade, serão, posteriormente, transferidas para o Museu Professor Acary Passos, em fase de organização na casa do indigenista, sertanista e fotógrafo Jesco Puttkamer, na Avenida T-3, Setor Bueno.

Também estão à disposição de estudiosos e interessados na história indígena 23 ilustrações sobre a cerâmica e a pintura corporal Karajá, que compunham o acervo de Mário Simões e que deverão ser publicadas em breve.

Estudioso dos índios Karajá, a Manuel Ferreira Lima Filho coube a tarefa de preparar a obra com a colega Maria Eugênia. Mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília e autora da tese *Os Filhos do Araguaia: Reflexões Etnográficas sobre o Hetohoky* -

Um Rito de Iniciação Masculina Karajá, defendida no ano passado, Manuel Ferreira afirma que a pesquisa de Mário Simões "constitui-se um dos raros trabalhos conhecidos a tratar das técnicas de fabricação da cerâmica Karajá, além de contribuir enormemente com informações inéditas acerca dos rituais e vestimentas dessa sociedade".

Ele alerta que os trabalhos de Mário Simões foram publicados tais quais ele o deixou. "A produção etnográfica, incluindo rascunhos, desenhos, idéias e notas foram elaborados na década de 50 e por isso os textos devem ser lidos tendo esse tempo como referencial", afirma o professor, que durante seis meses morou na Aldeia Santa Isabel, na Ilha do Bananal, mantendo contato diário com os indígenas. Mário Ferreira Simões, vale lembrar, foi primeiro orientador de Manuel quando conquistou uma bolsa de iniciação científica do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), em 1982. "Trabalhei com Mário Simões no Museu Emílio Goeldi, no Pará, quando ele fazia pesquisas arqueológicas na Região Amazônica", informa o professor.

Primeiros contatos - O homem branco manteve os primeiros contatos com os Karajá por volta de 1600. O primeiro a contatá-los no Baixo Araguaia, foi o padre jesuíta Tomé Ribeiro, seguindo-se depois os bandeirantes. Moradores das belas praias de areia branca do Rio Araguaia, os Karajá, hoje bastante reduzidos, vêm diminuir cada vez mais o seu espaço e lutam com dificuldade pela sua sobrevivência.

Nas várias expedições que fez à Ilha do Bananal, Mário Simões anotou 18 aldeias - Furo da Pedra, Crisóstomo de Baixo, Morro de Areia, Barra do Tapirapé, Jatobá, Crisóstomo de Cima, Mato Verde, Fontoura, Santa Isabel, Barreira de Pedra, São Pedro, Luis Alves, Crixás, São José dos Bandeirantes, Cocalinho, Cangas, Aruaná e Rosário. Na verdade, a maioria das aldeias identificadas pelo pesquisador era a moradia de poucas famílias dispersas de aldeias maiores, por questões internas e culturais. Em suas observações, Mário Simões informa que outras tribos também se dedicavam à confecção de bonecas de cerâmica. No entanto, Manuel Ferreira e Maria Eugênia garantem que apenas os Karajá as produzem.

Bonecas - A confecção de bonecas de cerâmica pelas mulheres Karajá passaram por duas fases, sendo a antiga caracterizada pelo barro cru. O barro cozido, por sua vez, é comum ao estilo moderno. Constituído-se num

raro estudo acadêmico abordando a confecção de bonecas pelas índias, a pesquisa de Mário Simões mereceu análise da professora de Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maria Heloisa Fénelon Costa, que visitou o IGPA e conheceu de perto o trabalho do pesquisador. Ela destacou a importância do acervo e da publicação de suas notas, uma vez que preencheriam uma lacuna nas informações até agora disponíveis sobre os Karajá.

Autora da tese *A Arte e o Artista Karajá*, Maria Heloisa Fénelon diz que "a arte figurativa Karajá tem servido de entretenimento às crianças, com dramatizações de acontecimentos normais e decorrentes da vida cotidiana, e também como instrumento de socialização da menina, auxiliando-a a compreender as relações de parentesco em seu grupo doméstico". A professora ressalta ainda que "o cozimento das figurinhas começou provavelmente por sugestão de compradores. Mesmo assim, ela constata, "as ceramistas têm conservado certas características próprias, formais e de conteúdo que as identificam como originadas numa cultura específica".

Uma das ceramistas a quem Mário Ferreira Simões encomendou uma coleção de bonecas em cerâmica, que agora completa o acervo do IGPA, a índia Kuanajiki, vive ainda hoje em sua aldeia - Santa Isabel, que fica em frente à cidade de São Félix do Araguaia. Foi justamente nessa aldeia, segundo Maria Heloisa, que se processaram as mudanças na cerâmica figurativa Karajá tornando-se o centro difusor do novo estilo. Como a aldeia mato-grossense é uma das mais visitadas, os indígenas passaram a ter um contato maior com as pessoas, vender o artesanato e assimilar, de forma direta, a influência exterior. Mário Simões, inclusive, observou as formas exageradas dos membros inferiores das bonecas, objeto de análise do também pesquisador Castro Faria, em 1952.

Número Um - No período em que esteve na Aldeia de Santa Isabel, o professor Manuel Ferreira Lima Filho adquiriu, para o IGPA, 13 coleções de cerâmica Karajá, onde se encontra a peça de número um, confeccionado por Kuanajiki, que ainda hoje atua como uma das melhores ceramistas. O professor esclarece que "as peças de cerâmica de 1954 a 1958 e as de 1989 e 1990 serão objeto de estudo comparativo, com a intenção de atingir, a partir desse precioso acervo de arte Karajá, o objetivo maior da Antropologia que é analisar e interpretar culturas diferentes".

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

O Popular

Data:

14.10.92

Pg.:

Class.:

374